

Dez anos com muita alegria



A. Domingues de Azevedo

Existem momentos na nossa vida, pela felicidade que nos propiciam, pela segurança e paz que nos criam quando sentimos o dever cumprido, que valem muito mais do que todos os sacrifícios e contrariedades que o dia a dia nos aporta.

A vida, esse gesto simples de respirar, viver e fazer viver a sociedade em que nos inserimos, não é mais do que isso. Uma oportunidade de compreendermos a realidade que nos rodeia, influenciá-la e deixarmo-nos influenciar por ela.

Quando perdemos essa capacidade sentimo-nos deslocados, fora do contexto em que nos inserimos e começamos a cultivar tendências de deslocados que, de imediato, nos conduzem ao isolamento.

Mas também quando perdemos a capacidade de nos deixar influenciar, perdemos a capacidade e o esforço que devemos fazer por compreender os outros, por analisar as suas razões e valores de vida e, então, fechamo-nos na nossa própria verdade, que é o princípio da ignorância. É este misto consciente da forma como nos posicionamos perante a vida e, sobretudo, uma enorme satisfação pelo dever cumprido, que nos cria estes estados de alma.

Neste percurso de dez anos da CTOC - completar-se-ão no próximo dia 15 de Julho - em que sempre tive a responsabilidade de gerir os destinos da profissão, muitas coisas bonitas perpassam pela minha memória, outras não tanto, mas que as circunstâncias e o interesse da própria CTOC ditaram a sua necessidade.

As boas, pela capacidade da sua concepção, pela conjugação dos elementos favoráveis e pela sua adequação às necessidades dos seus destinatários, são hoje, em grande medida, o verdadeiro suporte da Instituição e, em grande parte, a razão de ser do sucesso alcançado socialmente.

No que respeita às menos boas, não pretendendo aligeirar as minhas responsabilidades, julgo que elas não foram o resultado de uma vontade própria previamente concebida e desenvolvida, mas antes fruto natural do nascimento de uma nova instituição como é a CTOC e o embate que ela teria que travar com a história do passado da própria profissão.

Esse embate muito dificilmente poderia ser dado com os autores daquela história, salvo se eles tivessem a capacidade de compreender a nova realidade emergente do reconhecimento do interesse público da profissão.

Dez anos depois, continuo a fazer a mesma afirmação que fiz perante o nosso saudoso amigo António de Sousa Franco: "Não me julguem pelo que eu for capaz de dizer, mas julguem-me pelo que eu for capaz de fazer."

As alegrias e os momentos de felicidade proporcionados pela satisfação do dever cumprido fazem esquecer as coisas menos boas que sempre acontecem nestes percursos.

A realização do VIII Prolatino, o ciclo de conferências nas mais importantes universidades ou escolas superiores do país, a inauguração da nova sede, a criação do Sistema Complementar de Segurança Social, o controlo de qualidade e um sem número de boas realizações superam em muito as coisas más que tivemos de ultrapassar.

Chegamos onde nos encontramos, mas não chegamos ainda ao destino traçado. Temos ainda um longo caminho para percorrer. Mas não tenho dúvidas que com perseverança, empenho e dedicação, desde que sejamos capazes de dar as mãos e conjugar esforços, lembraremos com muita saudade, mas também com muita alegria, mais dez anos da nossa profissão.

Dez anos depois, continuo a fazer a mesma afirmação que fiz perante o nosso saudoso amigo António de Sousa Franco: "Não me julguem pelo que eu for capaz de dizer, mas julguem-me pelo que eu for capaz de fazer."